

ANEXO 2

COMPOSIÇÃO DA FORMA ARQUITETÔNICA

•

Atualmente o uso mais familiar e usual do termo **composição** se dá no contexto da música. No entanto, seu uso – uma obra a qual nada pode ser acrescentado ou retirado sem perda de sua **totalidade** – está intimamente ligado à tradição arquitetônica desde a Renascença, quando a arquitetura passa a constituir de fato um ramo do conhecimento. Os tratadistas, tendo necessidade de explicar o *belo*, passaram a estabelecer as normas que iriam servir de base para a ação do artista e assim estabeleceram as bases da noção de composição.

O conceito de **composição** no seu sentido contemporâneo é de origem recente, séculos XVIII / XIX, quando teóricos de escolas de arquitetura francesas, principalmente da *École des Beaux Arts*, passaram a influir na formulação de normas para a boa arquitetura. No entanto, o conjunto de idéias as quais se devem suas origens tem raízes na antigüidade clássica. O autor Alan Colquhoun vai definir o termo, conforme a tradição da *École des Beaux Arts*, da seguinte maneira:

Procedimento criativo que organiza ou ordena elementos formais de acordo com princípios universais de composição que são independentes de “estilos”, ou conforme leis de formação geradas a partir da própria obra, ou mesmo a partir de certos princípios de estruturação dos quais a forma resultaria automaticamente sem a participação do juízo consciente do artista.

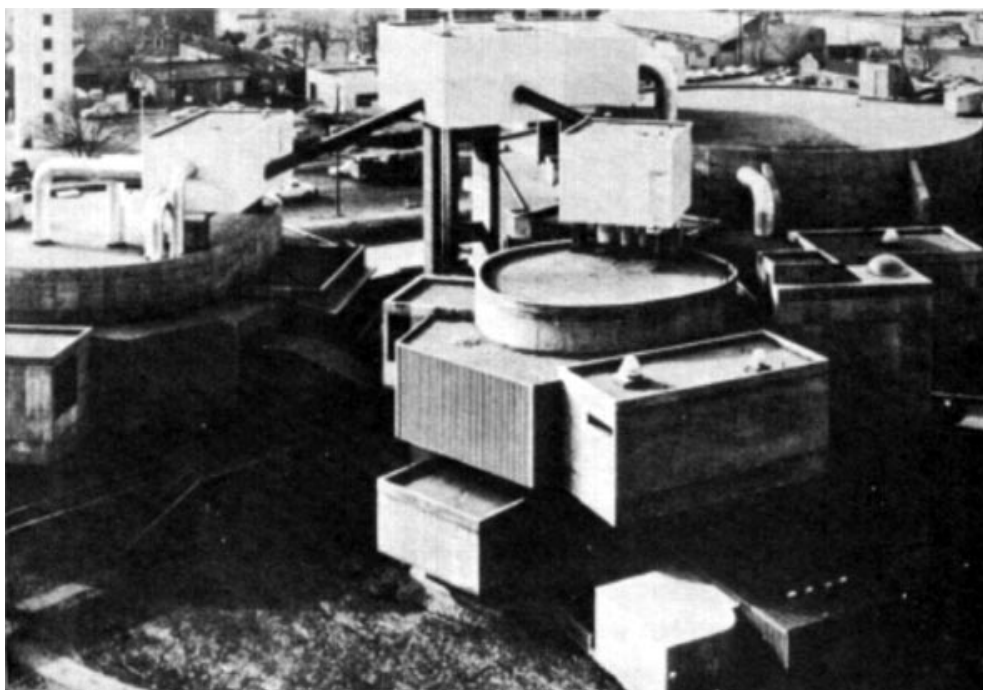
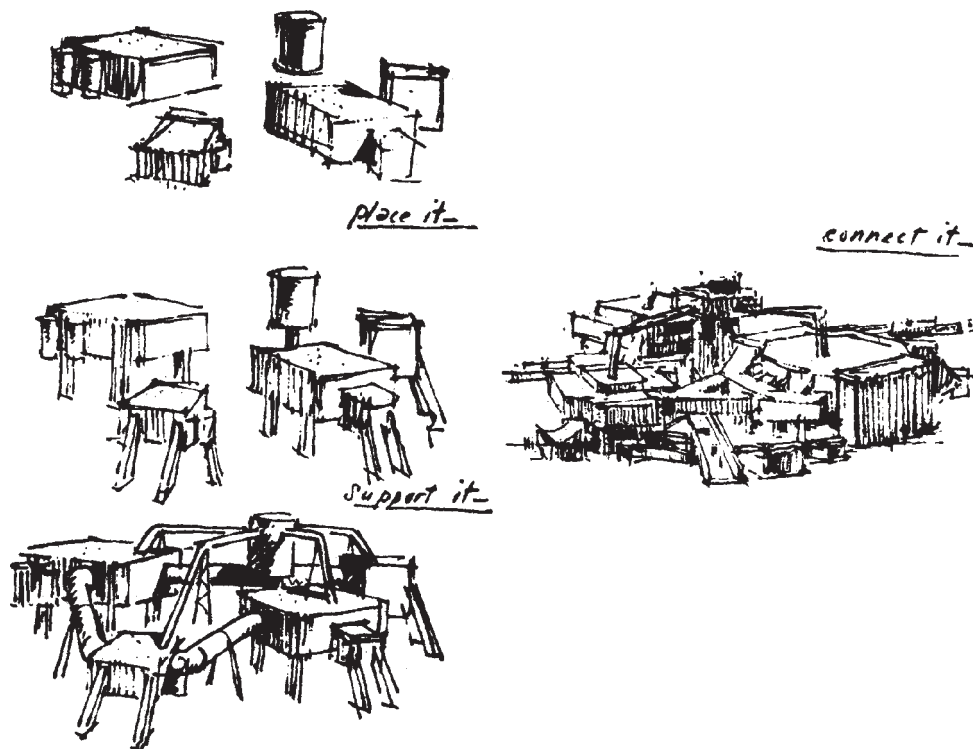
A **composição** como técnica de projeto e como método de ensino da *École des Beaux Arts* se fundamenta numa interpretação conservadora das teorias renascentistas, de acordo com as quais os elementos constituintes de uma edificação são subordinados a um aspecto principal (“*principe*”), e tem como objetivo alcançar **unidade** e **harmonia** (ver glossário na próxima seção) na obra arquitetônica. Método que é bastante claro e estabelecia precisamente quais seriam as ações necessárias para se chegar a um projeto final: o primeiro momento é o desenvolvimento do **partido** (“*parti pris*”), que é o esquema conceitual básico definido a partir de esquemas tipológicos tradicionais previamente catalogados; em seguida desenvolvia-se o “*esquisse*”, o estudo que definia com maior precisão as características gerais da edificação; finalmente preparavam-se os desenhos finais (“*rendu*”), tratados de forma requintada e fiéis ao “*esquisse*” original.

Hoje este procedimento não é tão rigoroso, já que a “... participação do juízo consciente do artista” passou a ser muito valorizada — LeCorbusier vai defender o argumento de uma arquitetura como ato “de vontade” do arquiteto — mas as lições da *École des Beaux Art* ainda influem na prática e no ensino do projeto. Em geral, antes de se iniciar um projeto ocorre uma fase preliminar em que se define um conjunto de demandas ou problemas. Esta definição resultaria da análise de informações relativas à quatro imperativos: **1. necessidades objetivas** (o programa), **2. tradição cultural**, **3. condicionantes locais** (clima, sítio etc.) e **4. recursos materiais disponíveis**. O processo projetual se iniciaria quando estas informações fossem, então, interpretadas e organizadas de acordo com uma escala de prioridades. A partir daí a operação projetual se apresenta tradicionalmente na seguinte seqüência: croquis de estudo equivalente ao *parti pris*; estudo preliminar equivalente ao *esquisse* e projeto básico, termo que recentemente vem substituindo o anteprojeto, que se pode dizer equivalente ao *rendu*.

Apesar do uso continuado da noção de **composição** no seu sentido mais tradicional — aquele que busca estabelecer relações formais de valor permanente — como a principal maneira de abordagem projetual e método de ensino, tem surgido, ainda que timidamente, no contexto da arquitetura contemporânea, uma nova tendência que passou a considerar as noções de **sistema** e **processo** como uma atitude projetual mais adequada aos desafios impostos pela complexidade do mundo contemporâneo.

Alguns dos exemplos desta tendência são a concepção de “*listing*” ou “*elenco*”, sugerida pelo autor Bruno Zevi, e a concepção da “*pattern-language*” (linguagem de padrões) proposta pelo autor Christopher Alexander. Essa atitude projetual vai implicar na rejeição crítica de princípios ou convenções ditas **clássicas** ou **acadêmicas** — em outras palavras, pode significar o estabelecimento de condições de possibilidade de uma *Obra Aberta* em oposição às limitações de uma *Obra Fechada* — como mais adequadas a uma arquitetura a qual pode-se transformar com o uso, pode-se acrescentar ou eliminar sem a perda de sua **singularidade**.

O autor Bruno Zevi sugere que a edificação paradigmática dessa atitude projetual é o Mummers Theatre concebido pelo arquiteto John Johansen em 1971 para a cidade de Oklahoma.



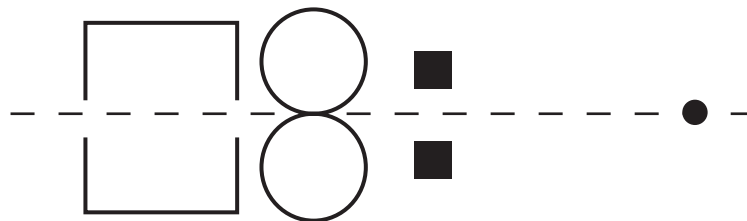
Dado que a noção de **composição** continua sendo muito importante como técnica de projeto e como método de ensino, poderíamos sugerir como uma definição simplificada, mas abrangente, que uma composição é uma organização ou arranjo ordenado de elementos formais com uma **intenção**. Em outras palavras, o arquiteto adota um conjunto de princípios, uma lógica projetual, para organizar, coerentemente, um conjunto de elementos construtivos.

PRINCÍPIOS COMPOSITIVOS E QUALIDADES FORMAIS DA COMPOSIÇÃO

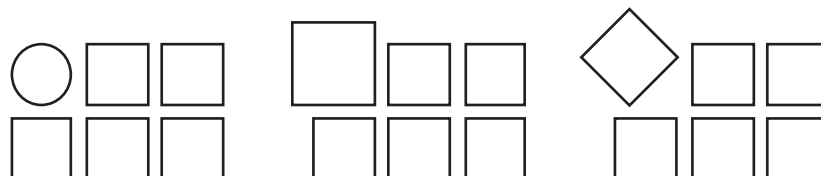
GLOSSÁRIO DOS PRINCIPAIS TÊRMINOS:

Apesar dos termos usualmente empregados estarem carregados de “perturbações” semânticas e de se encontrarem certas discrepâncias entre diversos autores, sugerimos algumas definições, simplificadas e elementares, para alguns desses princípios e qualidades:

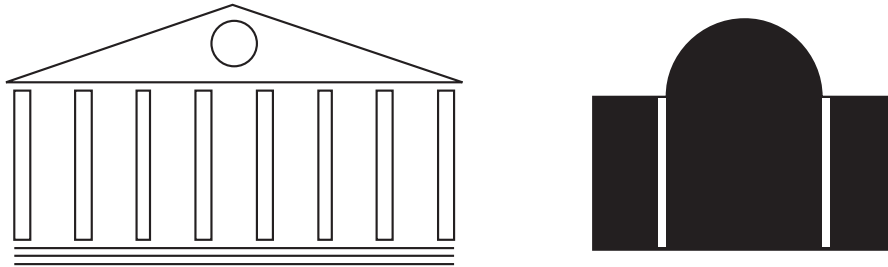
- Caráter:** Diferencial semântico entre dois pólos paradigmáticos:
1. Apolíneo, Clássico ou Racional: Usualmente severo, rigoroso, rígido, estático. Organizado de forma cartesiana ou abstrata.
 2. Dionisíaco, Pintoresco ou Empírico: Usualmente dinâmico. Organizado de maneira a propiciar uma experiência sensorial rica e variada.
- Contraste:** Destaque e contraposição de componentes, sem quebra da **Unidade**, com o objetivo de reforçar a idéia temática básica da composição
- Dominância:** Acentuação ou relêvo de um aspecto formal.
- Eixo:** Linha imaginária de suporte que estabelece algum tipo de relação entre os componentes.



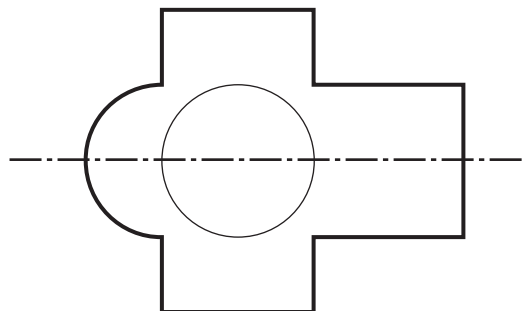
- Ênfase:** Centro de interesse visual, ponto focal que prende a atenção.
- Equilíbrio:** Resolução ou anulação do conjunto de forças que atua numa organização de elementos. Distribuição adequada de pesos e massas.
- Escala Humana:** O homem é o padrão e a medida de todas as coisas. Relação de dimensão entre os componentes ou o conjunto e o homem.
- Estrutura:** Esqueleto ideal que dá suporte ao arranjo dos componentes.
- Harmonia:** Tratamento dado no arranjo de componentes de maneira a definir uma **totalidade**. Qualidade pela qual todos os elementos são necessários e nada pode ser acrescido ou suprimido.
- Hierarquia:** Destaque e/ou ordenação de componentes por forma, tamanho ou disposição.



- Malha:** Rede ou grade dimensional que organiza o arranjo dos elementos.
- Módulo:** Entidade numérica, geométrica ou formal (módulo objeto) ordenada segundo uma regra ou lei de formação.
- Proporção:** Relações de dimensão entre as partes do conjunto, e das partes com o conjunto.
- Ritmo:** Movimento regrado e medido. Disposição de elementos repetidos a intervalos regulares. Sucessão cadenciada de elementos, podendo ser simples ou composto.



- Simetria:** Termo que sofreu brusca mutação semântica desde a Renascença perdendo seu sentido clássico de concordância com a medida. Pode ser definido, de uma forma mais abrangente, como o produto de transformações ou movimentos, através dos quais uma entidade se transforma, elemento por elemento, em outra. Estas transformações podem se dar por translação (ou simetria linear), rotação (ou simetria radial), dilatação ou reflexão (ou simetria bilateral). Esta última é a mais difundida entre os arquitetos, já no século XIX o autor Viollet-le-Duc iria argumentar que, na linguagem do arquiteto simetria significava uma similitude de partes opostas, a reprodução exata, à esquerda de um eixo, do que há na direita.



- Traçado Regulador:** Traçado de base geométrica, com uma lei de formação definida, que ordena as partes da composição.
- Unidade:** O propósito de todo artista é exprimir **uma idéia ou um tema formal** (um discurso, uma intenção compositiva). Toda composição tem um caráter de ligação entre seus componentes. Compor é mais que justapor. Em uma justaposição simples não existe a força de um **discurso**, de uma **intenção**, de uma **vontade**, mas apenas a coleção, sem significado, de elementos isolados.